Nota prévia

Reune-se no presente volume de *Análise Social* um certo número de textos elaborados no Gabinete de Investigações Sociais sobre temas de metodologia e epistemologia das Ciências Sociais. Julgou-se vantajoso fazê-los preceder pela tradução portuguesa de um artigo recente de um dos melhores metodólogos europeus da sociologia, acompanhando-a por algumas peças de um debate que, sob a forma de seminário de formação, se organizou no Gabinete a propósito desse artigo.

Seria improfícuo tentar condensar em curtas linhas introdutórias o variado conteúdo deste volume. Preferível se afigura nos limitemos a sublinhar o que o leitor mais atento não deixará, seguramente, de com facilidade discernir: que os textos neste lugar agrupados traduzem simultaneamente *uma notória convergência* e *sensíveis divergências*.

Por um lado, convergência na preocupação de os investigadores se interrogarem, não sobre as técnicas ou tecnologias da pesquisa, mas sobre a própria natureza e significação do seu trabalho e, por conseguinte, sobre a natureza e significação dos produtos que de tal trabalho resultam ou podem resultar. Por outro lado, divergências nos modos de formular e exprimir essas interrogações e nas vias escolhidas para lhes encontrar respostas adequadas.

Assim é, e assim parece que deva ser. Num organismo que, dadas as suas origens, ligações e diferentes formações de base dos seus membros, se apresenta como efectivamente pluridisciplinar (aspirando embora a realizar interdisciplinaridade), e ademais numa área de investigações — a das Ciências Sociais — onde, do mesmo passo que se entrecruzam as mais díspares correntes teóricas, perpassam todas as fundamentais inquietações humanas, é particularmente claro que não há lugar para a absoluta homogeneidade de posições, nem legitimidade para qualquer pretensão de monolitismo nos quadros fundamentais do pensamento.

Evidentemente, é menos cómodo e mais arriscado trabalhar desta forma — digamos: em estado de interna tensão — do que em perfeita coesão. Mas quando se verifica que, dentre as Ciências Humanas, as que mais coesas se oferecem são igualmente aquelas que mais frequentemente são alvo da crítica de se haverem tornado «desumanas», parece — mesmo sem nada aqui presumir acerca da justeza de tal crítica — que os riscos da divergência e dos eventuais conflitos que origine, merecem abertamente ser assumidos.

A. Sedas Nunes